

## **O DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA EM PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN**

Mylena Cristina Cardoso da Silva<sup>1</sup>; Wesley Alves Ribeiro<sup>2</sup>; Johnny Fernandes da Silveira<sup>3</sup>

1. Estudante do Curso de Educação Física; e-mail: mylena.cristina@outlook.com

2. Estudante do Curso de Educação Física; e-mail: wesley.hosana25@gmail.com

3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: paradesportomogi@hotmail.com

Área de Conhecimento: **Saúde**

**Palavras-chaves:** Dança; síndrome de down; coordenação motora.3

### **INTRODUÇÃO**

Quando falamos de Síndrome de down (SD), sempre se enfocam os limites do indivíduo e não aquilo que ele é capaz de fazer. Porém autores como Castro (2005) e muitos outros vem mostrando as atividades que as pessoas com SD conseguem fazer e suas capacidades. Tanto os adultos quanto as crianças podem apresentar capacidades para lidar adequadamente com as suas restrições motoras, refletindo assim padrões de movimentos diferenciados indicando que esses indivíduos dispõem de recursos para lidar com as suas tarefas motoras (GIMENEZ, 2005). Isso leva-nos a acreditar que a dança viria como uma grande facilitadora na coordenação desses movimentos e no melhoramento dos mesmos, dando lhes um recurso mais técnico e de uso menos empírico para empregar em tarefas motoras cotidianas. Segundo Fonseca (1995), a dança pode vir a contribuir para o melhoramento da percepção corporal de pessoas com SD, o que permite um desenvolvimento adequado em relação com o meio, aprofundando as características de dissociação entre o esquema e a imagem corporal desses indivíduos.

### **OBJETIVO GERAL**

Verificar o nível da coordenação motora grossa em pessoas com síndrome de Down e aplicar aulas de dança com o objetivo de aprimorar e desenvolver a coordenação dos mesmos.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Identificar o nível de coordenação motora grossa de pessoas com síndrome de Down antes e após a aplicação das aulas. Desenvolver a coordenação motora grossa de pessoas com síndrome de Down, usando a dança como ferramenta. Comparar os resultados obtidos antes e depois do desenvolvimento do projeto.

### **MÉTODOLOGIA**

A pesquisa foi realizada com 10 crianças com Síndrome de down, de ambos os gêneros e com idade de 6 a 13 anos, alunos da Escola APAE, localizada na região do Alto Tietê. Para coleta de dados foi utilizado o instrumento Escala de Desenvolvimento Motor, criado por Rosa Neto (2002), visando a Motricidade Global.

## RESULTADOS/DISCUSSÕES

Com base nos dados obtidos através do teste Escala de Desenvolvimento Motor- Rosa Neto (2002) são exibidos no gráfico abaixo a motricidade global em anos. O Grupo Controle (A) alcançou uma média de  $2 \pm 2$  anos na primeira bateria de testes, já na segunda bateria, que respeitou o tempo de intervenção do outro grupo, apresentou  $2,5 \pm 2$  anos aumentando 25% a sua motricidade global, porém com um  $p < 0,05$ . O Dança obteve  $5,6 \pm 2,6$  anos antes da intervenção, já após as aulas de dança  $4 \pm 2$  anos demonstrando um decréscimo de 29%, todavia o  $p=0,1599$ . A Figura 1 evidencia a média da Motricidade Global em anos dos grupos. A Figura 1 evidencia a média da Motricidade Global em anos dos grupos.

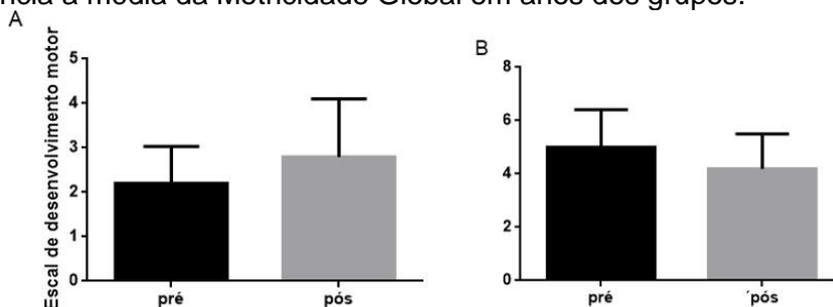


Figura 1. Média e desvio padrão dos momentos pré e pós dos grupos controle (A) e dança (B).

## CONCLUSÕES

Diante dos fatos apresentados nesse trabalho podemos afirmar que a dança traz benefícios físicos e emocionais cognitivos, independentemente dos resultados obtidos através deste. Os dados apresentados demonstram que a dança não alterou a motricidade global dos alunos, isso talvez tenha ocorrido devido influências ambientais, uma defasagem na familiarização ou talvez uma falta de compatibilidade do grupo de pesquisa para com o teste em questão. Porém, apesar do que os dados trazem consigo, quando se trata de dança os benefícios que a ela estão atrelados não se limitam a motricidade do ser e ao trabalhar com crianças com SD dados obtidos com testes são norteadores e não verdades absolutas, a autonomia entregue aos mesmos é o que se almeja. Para um próximo trabalho aumentar os números de intervenções e se atentar aos fatos que podem alterar os resultados obtidos pelo teste é uma realidade que não deve ser ignorada. Sabendo que o destoar dos dados obtidos é uma lição a se aprender.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, E. M. Atividade Física Adaptada. Atividade Física Adaptada. Atividade Física Adaptada. Ribeirão Preto: Tecmedd, 2005.

GIMENEZ, R.; MANOE, E. J. Comportamento motor e deficiência: considerações para pesquisa e intervenção. In: TANI, G. Comportamento motor aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FONSECA, Angélica da Silva; LIBERALL, Rafaela; ARTEXO, Maria Inês, MUTURELL, Benefícios da dança em portadores de Síndrome de Down. Revista de psicologia. v.14, n.20, p. 37-49. São Paulo. 2011.

ROSA NETO, F. Manual de avaliação motora. Porto Alegre: Artmed, 2002